

Fundamentos ontológicos de Fernando Pessoa

Ontological basis of Fernando Pessoa

Prof^a Dr^a. Rita Josélia da Capela (UERJ – Rio de Janeiro - RJ)

ritacapela@ig.com.br

Resumo: Falar em Pessoa é falar do significado etimológico do conceito de personalidade, ou seja, é falar do múltiplo que existe em cada um de nós, de todas aquelas máscaras que vestimos para suportar a opressão social, a angústia existencial do viver com o outro, as regras sociais hipócritas e até mesmo com o outro desconhecido de mim mesmo e que me habita tão intimamente. Pretendemos neste trabalho fundamentar filosoficamente, mais precisamente, buscar na ontologia existencial, uma possibilidade de análise e compreensão dos pseudônimos de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Filosofia; Fernando Pessoa; Ontologia.

Abstract: To talk about Pessoa is to talk about the etimological meaning of personality. In other words, about the several selves we have in our inner, all masks we wear to bear social oppression, the pain of our relationships with other people, false social rules, and the unknown but intimate self all of us have. This work intends to analyze and understand Fernando Pessoa's pseudonyms philosophically, under the light of existential ontology.

Key words: Philosophy; Fernando Pessoa; Ontology.

1. Considerações iniciais

O aspecto ontológico da obra de Fernando Pessoa pode ser encontrado nos limites mesmo em que se situa a sua obra: o da filosofia-literatura.

Sem nenhum assombro está claro para nós que toda obra poética possui um background filosófico. Na poesia e na prosa a historicização da vida ganha expressão filosófica e a filosofia expressão histórica na vida concreta. É o próprio Pessoa a afirmar:

... de resto, a minha vida
Gira em torno da minha obra literária
Boa ou má, que seja, ou possa ser.
Tudo o mais na vida tem para
Mim um interesse secundário ¹

¹ Cf. Fernando Pessoa. *Uma luz sobre vários poemas*.

É exatamente este terreno ontológico transmutado no ôntico pela historicização da vida o que pretendemos buscar através dos escritos de Pessoa.

Tomaremos por base as obras de Antônio Pina Coelho, especificamente: *Fernando Pessoa, textos filosóficos. V. I e II* e *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa. V. I*. Trabalhamos com textos já organizados visto a necessidade de lutar contra o tempo, embora reconhecendo que o ideal seria tentar sistematizar uma ontologia pessoana, a partir dos próprios escritos do autor.

Mas como o próprio Pessoa afirma, a existência se faz no jogo do real e do ideal.

Dividimos nosso trabalho em duas grandes partes: *Fernando Pessoa: o que a filosofia não é?* e *A Existência humana no mistério ontológico do Ser*.

– FERNANDO PESSOA: O QUE A FILOSOFIA NÃO É ?

Nossa primeira dificuldade nesta abordagem típica referida ao pensamento pessoano encontra-se nos modos como a filosofia se nos é apresentada.

No todo, a Filosofia é vista por Pessoa ora como inútil, ora como ciência, ora como arte, ora como atividade lúdica.

É da idéia de Filosofia como ciência das causas primeiras, portanto, como metafísica ou ontologia, que podemos chegar aos conceitos outros de Filosofia.

2. Filosofia como metafísica/ ontologia

O problema ontológico diz respeito à quiddidade da realidade; o problema metafísico refere-se à relação mundo-realidade, propondo questões cujas respostas irão influenciar as diversas ciências.²

Percebe-se já, pelo dito acima, que Fernando Pessoa usa indiscriminadamente os termos metafísica e ontologia, invertendo mesmo seus significados, embora fique claro, na segunda parte deste estudo, que o seu poeitar desliza por sobre uma ontologia de tipo heideggeriana ou heraclitiana.

² Veja-se a esse respeito: *Textos Filosóficos*, Vol. I, p. 171.

À filosofia tomada nestes limites – metafísica/ ontologia – cultuada como ciência virtual, por oposição às ciências propriamente ditas – pertence as seguintes características: é um fenômeno relativo a uma época histórica; enquanto metafísica pertence-lhe o: o mistério do ser.

A verdade dentro da filosofia mostra-se sempre como um horizonte infinitamente estranho ao homem. Assim, mesmo as questões centrais que tornam a metafísica um campo de reflexão mais concreta, questões do tipo: o que podemos conhecer? Quais os limites do conhecimento? Como podemos conhecer? fazem o poeta pensar numa outra: por que é que se deve filosofar? E assevera, raciocínio puro sobre a QUIDIDADE e tipos de relações entre sujeito e objeto; uma indagação sobre a realidade em si. O objeto da filosofia é o conjunto da realidade, sendo suas teorias inverificáveis, o que lhe acarreta uma não evolução. A filosofia é a busca do supra real.

3. A Filosofia como inútil

Outrossim, percebemos no autor um esvaziamento do ato de filosofar propriamente dito. De todas as características apontadas irá considerar a metafísica como inútil, porque ao indagar “o que é” verdadeiramente, permanece sempre na própria inquirição, pois depara-se sempre com algo que não pode ser compreendido totalmente pelo homem.

Metafisicamente, todos os conceitos são possíveis, ainda que envolvam contradição; pois que a metafísica, improvável e inverificável determinadamente, se ocupa não de tal existência, senão da existência em si, do ser considerado só como ser – e como da existência em si nada sabemos de certo, ignoramos, portanto, poder admitir que inclua, ou mesmo seja essencialmente contradição ou negação de si, ou mesmo como coisa nenhuma.³

A filosofia busca uma interpretação objetivada de uma impressão objetiva, isto porque existe uma tentativa de reduzir o dualismo sujeito-objeto a um monismo, na tentativa de apreensão do absoluto. Esta tentativa leva a filosofia a assumir uma postura ora materialista, ora espiritualista, ora transcendental. Na tentativa de aproximar sensação e

³ Cf. id. *Ibid*, Vol. II, p. 35

objeto nas suas relações íntimas, de acordo com a postura filosófica ou tipo de redução, apreendemos tipos diferentes de sensação: externa, interior e as do abstrato – resultantes do trabalho mental que tenta privilegiar a própria relação.

4. A Filosofia como arte

O Fernando Pessoa, expressado em Álvaro de Campos, trabalha com a idéia de filosofia no campo das sensações internas, para que se possa fazer dela uma arte. Para Álvaro de Campos é filósofo aquele artista do pensamento que maior número de teorias conceber sobre a existência – é a redução da filosofia à arte de produzir teorias sucessivas, mesmo que sem qualquer encadeamento, sobre o universo. A arte é a interpretação objetivada de uma impressão subjetiva: por arte entende-se as concretizações abstratas da emoção: a metafísica, a literatura e a música; afastando-se a escultura, a pintura e a arquitetura, por pretenderem concretizar a emoção no concreto.

A arte enquanto interpretação objetivada de uma impressão subjetiva é expressão de um temperamento, não tem uma base objetiva, NÃO TEM UTILIDADE PRÁTICA.

Proponho eu, simplesmente – declara A. de Campos -, que a matéria da metafísica, enquanto não está inteiramente definida, e, portanto em estado de se pensar, e a metafísica se tornar ciência, seja ao menos sentida, e a metafísica seja arte...⁴

5. A Filosofia como atividade lúdica

Das análises precedentes resulta que:

1. à filosofia como ciência, virtual que seja, resulta um qualquer fim utilitário, porque a ciência deve servir à vida;

2. à arte destina-se o repouso dos espíritos, portanto, da redução da filosofia à arte e por sua superação do estágio de ciência, resta-lhe uma saída: constituir-se como atividade lúdica: “a arte de construir sistemas de Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas”.⁵

⁴ Cf. id. Ibid. Vol. I, p. 17.

⁵ Cf. id. Ibid. Vol. I, p. 9.

Apesar de todas essas oscilações reconhece Pessoa que na Grécia antiga, ao tentar romper com o mito, ao tentar colocar-se como ciência, a filosofia deixou já de ser uma busca para a satisfação dos sentimentos humanos para ser uma tentativa de encontro sobre as noções das coisas.

Nesta busca, entende Pessoa que ela tende à noção de Deus, do mundo e do homem, o que equivale à noção de Ser, realidade e verdade.

6. A existência humana no mistério ontológico do ser

O ser é algo que envolve e transcende ao homem. Sua infraestrutura é o mistério. O mistério acompanha o ser em toda a obra pessoana, e o que encontramos de comum em todos os seus múltiplos sentidos é o refletir de uma inacessibilidade noética.

O mistério tem o seu quê de oculto, de treva, daí a insegurança. É por estar permeado pelo mistério que o ser só pode ser experienciado confusamente,

Quanto mais claro
Vejo em mim, mais escuro é o que vejo.
Quanto mais compreendo
Menos me sinto compreendido. Ó horror
(...) paradoxal deste pensar(...)⁶

Neste momento, Fernando Pessoa faz uma crítica às doutrinas filosóficas que tentam colocar a dificuldade na contemplação do ser em uma complexidade do mistério. Acredita que este mistério seja de uma complexidade tal que a capacidade de nossas potencialidades noéticas não consegue alcançar. Este seu ponto de vista justifica-se no próprio ato de o homem querer explicar o ser, desde que explicar é simplificar.

De qualquer sorte, o que é perceptível no ser é a sua própria existência, o seu próprio mistério. O ser se mostra na sua própria ausência de definição, na conscientização do homem pelo seu mistério. Daí a falência de todos os esforços humanos de penetrar no

⁶ Cf. *Obras Completas de Fernando Pessoa*, Vol. VI. “Poemas Dramáticos”, p. 106.

ser, de todos os sistemas filosóficos. daí também o porque de Caeiro tentar varrer o mistério de sua visão ontológica e vê-lo transcender e ressurgir:

Todas as máscaras que a alma humana
Para si mesma usa eu arranquei
A própria dúvida, tremendamente,
Arranquei eu de mim e depois
Outra máscara (...) ⁷

E acrescenta:

Mas o que vi então – essa nudez
Da consciência em mim, como relâmpago
Que tivesse uma voz e uma expressão,
Gelou-me para sempre em outro ser (...)

A existência humana é um drama, pois o homem sente-se arrastado para o ser e não consegue introduzir-se nele de maneira consciente:

Mundo, confrages-me por existir.
Tenho-te horror porque te sinto ser
E compreendo que te sinto ser

Até as fezes da compreensão.
Bebi a taça (...) do pensamento
Até ao fim; reconheci-a pois vazia, a achei horror. Mas
eu Bebi-a.
Raciocinei até achar a verdade,
Achei-a e não a entendo. Já se esvai
Neste desejo de compreensão,
Inalteravelmente
Neste lidar com seres e absolutos,
O que em mim, por sentir, me liga á vida
E pelo pensamento me fez homem. ⁸

O drama da existência humana se consolida ante a pequenez humana que o ser faz consciente:

Perante isto tudo, como tudo o que os homens fazem,
Tudo o que os homens dizem,

⁷ Cf. id. Ibid. Vol. VII, p. 107.

⁸ Cf. id. Ibid. Vol. VI, p. 77.

Tudo quanto constroem, desfazem ou se
Constrói ou desfaz através deles,
Se empequena!⁹

E não adianta não querer pensar ou viver no ser, porque o ser vive em nós, e uma vez que tenhamos buscado nossa interioridade nos defrontamos com Ele, e não mais nos desgarramos:

Quero fugir ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, onde me irei?¹⁰

A consciência do mistério cria no homem uma tensão contínua que o arrasta para o fundo do abismo cada vez mais fundo, tirando-o toda alegria e toda dúvida:

Não tenho, não já dúvida ou alegria:
(...) Chegou. E aqui me quedo. Consolado
Nesta perene desconsolação.¹¹

E esta possibilidade de abdicação consagra a inteligência humana em horror, ódio e desespero profundos, podendo levar o homem a uma espécie de loucura mística: excesso de interioridade na reflexão sobre o mistério:

Pelas vias escuras da loucura
Olhos vagos de susto; pelo (horror)
De haver realidade e haver ser,
De haver o fato da realidade.¹²

Por outro lado, a iniciação no mistério gera no homem a angústia pelo desejo e o medo da morte, em vistas de poder encontrar-se apenas nela a intuição do mistério:

⁹ Cf. id. Ibid. Vol. II, p. 93.

¹⁰ Cf. id. Ibid. Vol. VI, p. 75.

¹¹ Cf. id. Ibid. Vol. VI, p. 101.

¹² Cf. id. Ibid. Vol. VI, p. 99.

Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o mistério!
Superfície do Universo, ó pálpebras descidas,
Não vos ergais nunca!
O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-te!
(...)
Oh horror! Oh horror! Sinto outra vez
Essa frieza precursora n'alma
Da suprema intuição. Ah, não poder
Fora do ser e do sentir esconder-me,
Ah! não poder gritar, pedir, deixar-me
Oh, qualquer coisa mais do que uma luz
Vou sentindo que vai breve raiar...
Norte! Treva! (...) a mim! a mim!¹³

Em síntese, a filosofia em si é uma doença, faz o homem compreender a loucura da profundidade do ser e dos seres como existentes tal como se expressa CAEIRO.

7. O mistério do Ser na coexistência dos Entes

O mistério do ser prolonga-se na interrogação sobre o como de todos os entes poderem participar do mesmo ser. A coexistência é um prolongamento do mistério do ser.

Um ente só toma consciência de si quando se apercebe dos outros. é a consciência da identidade na relação que estabelece a de identidade consigo próprio pela distinção. É na sua relação com o outro que o ente se descobre.

A identidade do ente consigo próprio o faz perceber que possui por essência o ser sempre em relação à

A coexistência é uma propriedade fundamental do ser que o torna essencialmente aberto, não só para os outros seres que comungam o ser dentro da mesma ordem ontológica, mas para outros possíveis seres de ordens ontológicas fundamentalmente diferentes desta em que estamos inseridos.

O ser é atemporal, é absoluto, é a única realidade: o ser se diz de muitas maneiras, mas nenhuma delas diz o ser, daí a coexistência.

¹³ Cf. id. Ibid. Vol. VI, p. 108.

Fernando Pessoa tenta resolver este mistério por categorias lógicas: ser, limite, pluralidade, relação, tempo, espaço, corpo, movimento, alteração, que se vão limitando consecutivamente. O limite é a própria coisa (ente), mas com supressão de extensão posterior, sendo o ser o próprio limite do limite.

Devemos partir da noção do ser porque:

- devemos partir do mais simples, e esta é a noção mais simples.
- é a única noção que envolve a sua explicação;
- o problema fundamental, não só EM SI, mas a respeito de qualquer coisa, em qualquer caso, é existe?

Em SER há duas coisas: o ser e a noção de ser. Ora, uma noção é tanto mais completa quanto maior é o número de noções (var: coisas) que envolve e menor aquele de noções (var: coisas) em que é envolvida. Será também mais vaga. Ora, uma coisa é concretamente vaga na proporção em que é abstratamente precisa. Consideramos aqui as noções do predicado do verbo abstrato. Precisamos, pois, de precisar as noções abstratas e não as concretas. Aplicando isto à noção de ser, vê-se que é ela a mais abstratamente precisa (var: exata) de todas, visto que, incluindo tudo concebido (visto que todo conhecimento há de forçosamente ser concebido como SENDO, existindo), não é ela a própria incluída em coisa alguma (a não ser que precisemos dizer que visto EXISTIR é ... incluída em si mesma. Ora o que é incluído em si mesmo em coisa alguma é incluído).

(Noção completa quer dizer noção correspondente ao sujeito dela)

A noção de ser é, portanto, a mais perfeita possível. Isso também e outra razão porque por ela começávamos”.¹⁴

Fica clara por estas palavras que a posição filosófica desenvolvida por Fernando Pessoa é a de um “Transcendentalismo Panteísta”. Vejamos.

O que é Ser ?

Por que o ser e não antes o nada? A existência é a determinação do ser de afirmar a si mesmo não-ser.

¹⁴ Texto inédito, copiado de apontamentos de Fernando Pessoa por Pina Coelho, p. 120

O ser comporta na sua essência a razão de sua existência: o jogo do ser e do não-ser, embora com o predomínio do não-ser, o “nada”.

Essa valorização do SER como vertente do nada afirma-se em Álvaro de Campos, o FP sensacionista: todo objeto é uma sensação nossa, a sensação é a única realidade para nós:

Não escrevi história nem histórias, e por isso, não uso protagonistas a não ser a variedade de pessoas que tenho sido. Nenhuma delas tem existência real, porque nada tem, cientificamente falando, existência “real”. As coisas são sensações nossas, sem objetividade determinável, e eu, sensação também para mim mesmo, não posso crer que tenha mais realidade que as outras cousas. Sou, como toda gente, uma ficção de INTERMEZZO, falso como as horas que passam e as obras que ficam no rodopio subatômico deste inconcebível Universo.¹⁵

O homem vive uma polaridade, pela própria relação sensação/razão ele entiza e nadifica. O princípio de negatividade é o centro da inteligência humana, por isso só se concebe o ser como o não-ser. Entre a realidade e os conceitos existe o homem; a realidade fornece o ser, mas a consciência fornece o não-ser.

Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reais. Se me debruço sobre os meus sonhos é sobre qualquer coisa que me debruço. Se vejo a vida passar, sonho qualquer coisa.¹⁶

Por outro lado, a existência se faz no jogo do ser e do não-ser porque o ser, à medida que vai se manifestando vai se negando, criando o não-ser. Conseqüentemente, o não-ser gera o ser e este o não-ser, dado o princípio dialético da negatividade.

8. Ser/ Nada – mistério do movimento

¹⁵ Entrevista de Álvaro de Campos no Jornal “Informação” – 17 de Setembro de 1926.

¹⁶ Doc. Inédito do *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa, citado por Pina Coelho in *Fundamentos*, p. 137

O ser não é contínuo, há interregno na existência, a vida é um devir. O mistério do ser traz o mistério do movimento, desencadeador do nada no universo dos entes. No interregno o ser deixa de ser este para ser um novo ser:

O que é ser-no e correr
O que é está-lo eu a ver?¹⁷

O rio que passa dura
Nas ondas que há em passar,
E cada onda figura o instante de um lugar.

Pode ser que o rio siga,
Mas a onda que passou
É outra quando prossiga.
Não continua: durou.

Qual é o ser que subsiste
Sob estas formas de estar,
A onda que não existe,
O rio que é só passar?
Não sei, e o meu pensamento
Também não sabe se é,
Como a onda o seu momento
Como o rio (?)¹⁸

O ser existe em movimento e o movimento mesmo não é o ser nem o não-ser, é a relação de alteração que implica na pluralidade. Pessoa coloca o movimento como manifestação de força, mas o que seja esta força universal em si ninguém pode dizê-lo.

O movimento traduz a duração por sua implicação com o conceito de infinito com princípio e fim, a “imediatez imediata” que manifesta o não-ser no ser, no tempo e no espaço, que constituem o infinito absoluto, sem princípio nem fim.

Tempo e Espaço não são seres, não existem em si e por si, são condições de sensibilidade, porque têm a pluralidade: no tempo, a duração = momento + momentos...; no espaço, a extensão = espaço + espaço As coisas são assim percebidas num tempo e num

¹⁷ Cf. Fernando Pessoa, *Obra Poética*, p. 111.

¹⁸ Cf. *Obras Completas de Fernando Pessoa*, Vol. VIII, p.173-174.

espaço, o que existe é o momento. A realidade é o momento, e o momento surge da intersecção do espaço e do tempo, que em si são irrealidades.

No Fernando Pessoa que fala em Ricardo Reis não existe, por isso, o futuro: “Deixai-me a realidade do momento / E os meus deuses tranqüilos e imediatos”.¹⁹

O futuro não é só o momento, mas o momento é e deixa de ser. A morte é um interstício ou abismo que se tornou definitivo. Para Ricardo Reis a morte tem o sentido existencial de transfiguração de ser em o não-ser.

Vê-se que o mistério do ser está na sua transcendência, contudo esta transcendência do ser também se faz imanente ao homem.

9. O Ser: Transcendência/ Imanência, Mistério, Deus

De qualquer modo que se compreenda a transcendência deve-se compreender que ela supõe o encontro entre o transcendido e transcendente, logo revela imanência. Na busca do mistério desta relação, Fernando Pessoa tramitou por vários caminhos:

O Ultratranscendentalismo – verifica-se o fracasso do ultra-ser;

O Imanentismo – Fracasso do transcendentalismo panteísta;

O Relativismo fenomenista – o paganismo superior;

O transcendentalismo cristão – Positividade e negatividade de Deus²⁰

Fracasso do Ultra-Ser:

Existem seres porque existe o ser, mas por que existe o ser? Várias respostas foram dadas ao longo do tempo:

- os primeiros homens falaram em Deuses e no Destino

- depois num Deus Ultra-Universo – Motor Imóvel

- hoje em um Deus pessoal.

Nenhuma explicação satisfaz: o destino, os Deuses e o próprio Deus precisam ser explicados.

¹⁹ Cf. id. Ibid. Vol. IV, p. 49.

²⁰ Observação: não abordaremos no decorrer do trabalho estes dois últimos temas, visto já haverem sido tratados em trabalho anterior.

Pessoa apela para um Ultra-Ser, um ultratranscendente: busca um transcendente que funde o próprio ser como existência, sem colocar-se fora da existência, desde que fora do ser nada é. Mas o problema continua, todos os seres, o próprio Deus, ficam subordinados à explicação por este ultra-ser, desconhecido e incognoscível.

O Ultra-Ser é uma fracasso, porque continua sem explicação sobre o que seja este mais além, é um retroagir ao infinito. Se não é ser, nem o nada, o que é? Parte de um Imanentismo.

Fracasso do Transcendentalismo Panteísta.

Pessoa busca agora a solução nas forças da natureza. O mistério persiste, pois esta força que transcende do mundo e ao mesmo tempo lhe é imanente é desconhecida em si mesma.

A própria idéia de Deus nasceu da idéia de causa 1ª que evoca a idéia de força. Em Álvaro de Campos:

Quanto mais eu sinta,
quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Mais análogo seres a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza é tudo,

E fora dele há só Ele, e tudo para Ele é pouco.²¹

Em Caeiro Deus é a própria natureza:

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele, Então acredito nele a toda hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.
Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo Deus?²²

²¹ Cf. id. Ibid. Vol. II, p. 231.

Em Ricardo Reis há um panteísmo politeísta:

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual!²³

Fernando Pessoa chama o transcendentalismo panteísta de imanentismo porque considera que todo sistema filosófico tende a fazer uma redução monística do dualismo matéria/ espírito. O temperamento de cada filósofo dita metafisicamente a superioridade do espírito ou da matéria, porque sob o ponto de vista gnosiológico do espírito humano não se pode admitir duas realidades absolutas no momento da experiência do conhecimento.

Por outro lado, para além deste impasse natural o dualismo pode ser superado de 3 modos:

- supressão da realidade objetiva de um dos pontos: materialismo absoluto ou espiritualismo absoluto.
- admissão da realidade objetiva de modo idêntico tanto no espírito quanto na matéria – Panteísmo – como manifestação de algo que em sua essência não é nem matéria nem espírito.
- negando realidade objetiva a ambos os elementos da experiência e valorizando a relação: Transcendentalismo.

²² Cf. id. Ibid. Vol. III, p. 28.

²³ Cf. id. Ibid. Vol. III, p. 20.

De qualquer modo, acredita Pessoa que todo Panteísmo leva a uma transcendência/ imanência. Num panteísmo de tipo materialista espinozeano TUDO É DEUS; no espiritual, DEUS É TUDO.

No panteísmo matéria e espírito são manifestações reais de Deus, quer ele exista além de suas manifestações (espiritual quer não exista (material).

Pó oposição, no transcendentalismo matéria e espírito são formas irrealis de Deus ou do transcendente, manifestadas como sonho do homem de si próprio ou de modo inconsciente (Schopenhauer) ou consciente (Kant).

Na síntese, o transcendentalismo panteísta vai afirmar matéria e espírito como reais e irrealis, Deus e não Deus (Hegel). A essência do Universo é a contradição, o jogo dialético. E o mistério continua.

A partir desta distinção Fernando Pessoa analisa o que considera as duas grandes linhas evolutivas filosófico-literárias da Europa: Renascença e Romantismo.

A Renascença manifesta-se pelo espiritualismo de Platão e da Reforma. É um surto de humanismo atendendo à vida interior pela conscientização: O racionalismo Clássico.

No Romantismo o homem entrega-se à natureza e ao amor como coisas exteriores para viver uma vida mais ampla. O homem romântico sente-se parte de uma natureza real que é espiritualmente real. É um panteísmo.

Posteriormente encontramos em Antero de Quental um transcendentalismo. E espera em Pessoa que este transcendentalismo alcance os seus limites em Portugal, no transcendentalismo panteísta. Ao que tudo indica, o poeta se considera o poeta supremo da raça portuguesa por ter alcançado esta linha filosófico-literária. Afinal o mistério do ser é o que lhe mantém vivo em nós e fora de nós: vivente.

A marca maior na ontologia pessoana é a contradição. Sente-se ao longo de suas várias vidas uma tentativa de cindir o homem da ciência e o da técnica com o homem humano.

Quem é este homem humano? É aquele que vive, sofre e se angustia com a consciência do ser. O homem interior, o homem da sensação abstrata parece sobrepujar ao demais em Pessoa.

O verdadeiro interior humano não é aquele de expressão subjetivista, mas o que se polariza no vértice da transcendência-imanência.

SER = SER/ NÃO-SER (NADA)

TRANSCENDÊNCIA/ IMANÊNCIA (DEUS)

TEMPO ESPAÇO – IRREALIDADES

REALIDADE: MOMENTOS

HOMEM – BUSCA DO MISTÉRIO

É neste tripé que ser articula o ser de Pessoa na transcendência-imanência do ser. A vida é mistério, e um mistério que deve ser vivido.

O homem comunica-se com o mundo pela sensação antes que pela razão, daí a sua incapacidade noética para apreender o ser: ele é inefável, pode ser sentido, mas não pode ser aprisionado em uma idéia ou conceito.

O existir não pode estar no pensamento, mas no rio que rola, nas suas águas. E todas as águas conduzem á barreira do mistério do ser. Esta transcendência/ imanência que fez ver Deus no ser. Quem é o ser? Deus e não-Deus? Quem é Deus? “Deus é a grande ogiva do fim de tudo...” É o tudo e o nada.

Assim, concluo Pessoa:

Almas envoltas de existência,
Minha alma que é múltipla.
É plena do cheio e plena do vazio!

Existe um ser!
Não consigo defini-lo,
Só consigo apalpá-lo
Nas entranhas de meu ser
Que se mostra o ser-os outros,
O ser o próprio ser: Ser e não ser.

Não existe filosofia
Que dê jeito!
Não existe filosofia
Que me valha senão for,
A filosofia que da arte se fez!

Da arte do viver,
Este viver que é momento,
E que na sucessão dos momentos
Me faz penetrar o ser
No temor da eternidade.
Encontro o Ser!

Referências:

COELHO, Antonio Pina. *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, Vol. I
Lisboa: Editorial Verbo, 1971

MANOEL CARLOS. *Fernando Pessoa: uma luz sobre vários poemas*. Rio de Janeiro: Ed.
Nórdica, 1985.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Alice
Galhoz. RJ: Companhia Aguilar Editora, 1965.

_____. *Textos Filosóficos*. Vol. I e II, estabelecidos e prefaciados por Antonio Pina
Coelho. Lisboa: Edições Átila, 1968.

Obras Completas de Fernando Pessoa, Vols. II, III, IV, VI, VII, VIII. Lisboa: Edições
Átila.

Data de registro: 15/09/2008

Data de aceite: 07/05/2009